



José Claudio do Nascimento Henriques*

Este dossiê é resultado dos trabalhos do 55º Simpósio de Filosofia, *Autoextermínio e abordagens filosóficas*, promovido pelo departamento de Filosofia da PUC Minas entre os dias 14 e 16 de maio. A complexidade do tema, que nos leva à perplexidade do absurdo, tem sido objeto de estudos das várias áreas do saber da Universidade, quais sejam, direito, psicanálise, sociologia, economia, ciências médicas, bioética, filosofia, teologia e ciências da religião etc. Todas lançam mão de seus recursos de métodos e de teorias para atender a esse desafio que se nos apresenta até o momento presente. Todas as áreas têm em vista a compreensão do fenômeno do suicídio e buscam por perspectivas que alcancem a profundidade e densidade desse recorrente desafio. Sua gravidade e capacidade de nos interpelar a todos pode ser mensurada quando descobrimos que, no tempo presente, tornou-se uma epidemia que ceifa a existência de 6% da população brasileira anualmente, segundo a *Organização Mundial de Saúde*. Isso assusta ainda mais quando os números revelam que adolescentes e jovens (dos 15 aos 24 anos) e idosos são os que mais comentem o autoextermínio em nosso país. Perdemos apenas para os Estados Unidos.

O suicídio recebe interpretações nas perspectivas das análises culturais, psicanalíticas, filosóficas que, no mundo contemporâneo, inclui o problema dos impactos do grau de desenvolvimento científico e tecnológico. O problema da liberdade, culpa, pulsão, instinto, patologia são recorrentes nos diversos contextos históricos, culturais na tentativa de compreensão do ato de se auto-exterminar. Com o surgimento, máxime das ciências das 'psis', do conceito e diagnóstico de doença mental, o olhar sobre o indivíduo que se auto-extermina toma outra direção.

O constrangimento e o peso social que a palavra, o ato ou a tentativa de suicídio carregam tornam-se um inibidor para que o assunto emerja e seja tratado de forma mais objetiva. Isso porque toda a questão que envolve a morte implica, na verdade, a vida.

Pergunta-se pelo sentido da existência, o valor da existência, a posse da existência, ou seja, a quem pertence o discurso sobre a vida e a morte. O medo desse debate pode ser decorrente do receio da sociedade descobrir que ela se auto-extermina no ato de seus indivíduos. Se a condição humana é essencialmente coletiva e social, a morte de seus membros também é, de alguma forma, a morte e/ou fracasso daqueles que permanecem compondo a sociedade. Talvez nos façamos interpelar por John Donne quando interroga "Por quem os sinos dobram":

* Mestre em Filosofia pela UFMG. Graduado em Filosofia pela FAJE. E-mail: jcnh@uol.com.br.

Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; todos são parte do continente, uma parte de um todo. Se um torrão de terra for levado pelas águas até o mar, a Europa ficará diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o solar de teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. E por isso não perguntes por quem os sinos doam; eles doam por ti" (John Donne, *Meditações VII*).

Ligado a um ato impulsivo, o indivíduo perde a esperança e o sentido da vida e a única possibilidade é o autoextermínio como forma de fugir do sofrimento, revelando, ao mesmo tempo, o sofrimento da sociedade que o produziu. Evidentemente não falamos aqui do suicídio assistido ou voluntário que se situa em outra esfera.

Ao homem primitivo cabia a busca pela sobrevivência, rude e pragmática, em luta contra as forças e os perigos da natureza. Os conceitos gregos de ataraxia, que é atingir a imperturbabilidade da alma, e de eudaimonia, que é a vida boa, visam à realização do homem, a felicidade, ambos conquistados com o exercício da alma. Ao homem medieval, conquista-se a identificação com o sagrado, a sintonia com a vontade de Deus replicada pela Igreja e seus representantes. A modernidade debruça-se sobre o poder da razão humana como única fonte a ser explorada de realização e felicidade e, finalmente, o universo científico-tecnocêntrico que emerge de forma abrupta e vertiginosa trazendo profundas modificações no *modus vivendi* do homem contemporâneo, em que as ciências e as tecnologias da informação invadiram e determinaram o nosso modo de agir, de pensar, de viver, estabelecendo novas formas de relacionamento e novos paradigmas de verdade, valor e bem. Tudo isso é assim, traduzido no poema de Luís de Camões, cujo título *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*:

Mudam-se os tempos mudam-se as vontades
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Se o contexto histórico orienta condições e possibilidades de uma vida de satisfação pessoal e/ou em sociedade, quais as forças internas e externas que levam o indivíduo a perder o sentido da vida e ver a morte como única possibilidade factível? Ou, seria, efetivamente, a morte o que ele busca ou o cessar da dor? A morte da dor? Mais ainda, como o sentido da vida, que num primeiro momento é herdado pela cultura, pela sociedade, pela classe social, pelo sistema econômico, ideológico, político e religioso passa a ser um peso insuportável produzindo um diagnóstico de transtorno mental e suas consequências funestas? Na carência e imprecisão de dados objetivos, mesmo de um passado recente, o mundo tecnocêntrico está mais suscetível a atos e comportamentos desta natureza? Sendo considerado um ato antinatural ir contra nossa integridade física, quais os fatores que mais nos predis põem à efetivação do ato suicida? As medidas de combate ao suicídio, por meio de políticas públicas, são mais eficazes e eficientes?

Sendo a nossa era a “era do vazio” – utilizando-me do título do livro de Gilles Lipovetsky –, no meio de tanta informação, de tanta notícia, de tantas possibilidades de conhecimentos, temos a deformação, a falta de pensamento crítico, ignorância crassa sem que se consiga diferenciá-las. O mundo se tornou uma vila e ao mesmo tempo habitado por seres solitários, mediados pelas tecnologias que nos aproximam dos distantes e nos afastam de quem está ao nosso lado – literalmente; tempos em que as redes sociais mostram a vida fragmentada, apenas pessoas felizes ou, ao contrário, expondo dores e sofrimentos para centenas e milhares de “ninguéns”. Já não existe vida “íntima” que perde o sentido de ser. A vida para ser relevante tem que ser uma vida “extima” (para fora, publicada, exposta), com risco de produzir crises existenciais e de sentido diante do imenso aparato de promessa de realização, mas a felicidade parece não se efetivar.

Uma outra dimensão a ser considerada é o suicídio assistido que nos últimos anos veio à superfície, com mais força, principalmente através de noticiários sobre personalidades que buscaram tal forma de interrupção da vida em países onde é permitido por lei. A necessidade premente de se falar e aprofundar o tema como forma de garantir uma morte digna, tal qual uma vida digna, tem que deixar o status de tabu para elevar-se a debates mais sólidos e consistentes. Tratar de temas como eutanásia, morte assistida, em situações em que a terminalidade é inevitável e a distanásia é utilizada de forma desumana e injustificável, deve fazer parte da pauta de uma sociedade que se pretende plural.

Neste número da revista *Sapere aude*, tais questões serão tratadas numa grande diversidade de artigos: “*Não matarás*”. *A perspectiva misteriosa da vida humana* de Márcio Antônio Paiva; *Masculinidade hegemônica e profissionalização médica* de Andreza Marques de Castro Leão, Welton Barbosa Santos e Thiago Fernando Sant’Anna e Silva; *Terminalidade da vida* de Otávio Juliano de Almeida; *Terminalidade da vida: a morte medicamente assistida como cuidado respeitoso* de Isabela Cristina Passos e Possas e Telma de Souza Birchal; *O abismo indecifrável* de Luciana Luiza Lindenmeyer; *Suicídio uma discussão urgente* de Paulo Cesar Nodari, Cacilda Jandira Correa Mezzono; *Crítica da ideia de suicídio* de Alexandre Henrique dos Reis; *Suicídio, reflexões psicanalíticas* de Renata Dumont Flecha; *Vazios do sujeito contemporâneo* de René Armand Dentz; *Morte desejo e direito* de Ramon Maia; *Alegoria da Caverna e os muros do absurdo* de Edvaldo Antônio de Melo, Robson Oliveira Teixeira; *É o suicídio um problema filosófico?* de Maikon Chaidler Silva Scaldaferrro, Claudiana Campanharo; *O suicídio para Albert Camus* de Jeferson Forneck.

Além desses textos relativos ao dossiê *Filosofia e suicídio*, a revista *Sapere aude* publica ainda, no presente número, muitos outros artigos de temática livre, traduções, comunicações e resenhas. Boa leitura!